## Camões e a literatura húngara do século XIX

Camões and Hungarian Literature of the 19<sup>th</sup> century

PÁL FERENC<sup>1</sup>

**Resumo**: Camões, pela sua vida e o pelo sentimento pátrio que reflete sua obra magna, *Os Lusíadas*, tornou-se muito popular na Hungria do século XIX. Por um lado, foi o sentimento romântico da época que o consagrou um poeta destacado e, por outro, as condições políticas e mentais da Hungria de então, onde se lutava pela independência mental e política do país. Por isso, encontram-se referências frequentes tanto à sua figura, como à sua obra e o poeta aparece várias vezes como figura central em obras de ficção e poéticas.

**Palavras-Chaves:** Camões; Hungria; Portugal; Romantismo; sentimento patriótico.

**Abstract:** Camões because of his romantic life and the patriotism that reflects his masterpiece, *Os Lusíadas*, became very popular in nineteenth-century Hungary. On the one hand, it was the romantic feeling of the time that consecrated him a prominent poet and, on the other hand, the political and mental conditions of Hungary fighting at that time for the mental and political independence of the country. That is why frequent references are made to both his figure and his work, and the poet appears several times as a central figure in Hungarian works of fiction and poetry.

**Keywords:** Camões, Hungary; Portugal; Romantism; patriotic feeling.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Professor Catedrático. Centro Científico Brasileiro da Universidade Eötvös Loránd Tudományegyetem, Budapeste.

Ao estudar a receção da literatura e cultura portuguesas na Hungria do século XIX nota-se um verdadeiro culto a Camões. A figura do poeta português, e isso parece ser um facto bem explicável, foi muito popular na época do Romantismo pela sua atitude «romântica», ou seja, por enfrentar o poder, abandonar uma vida sossegada e procurar aventuras, tal como pelos episódios românticos que protagonizou — como a história da salvação do manuscrito da sua epopeia — e talvez por um patriotismo abnegado que lhe foi atribuído.

Na Hungria de então, todos estes momentos se fizeram acompanhar por um interesse por Portugal: não foi por acaso — como mencionámos num outro estudo sobre a origem do frasema proverbial «O português toca alegre a sua gaita de foles» (Ferenc, 2008) — que os dois grandes vultos da prosa húngara do século XIX, Mór Jókai² e Kálmán Mikszáth³, atribuíram uma conotação positiva aos Portugueses.

Esta «presença portuguesa» é especialmente intensa entre os anos 1820 e 1840, quando intelectuais — escritores e poetas — húngaros citam o nome de Camões como um exemplo positivo, escrevem sobre temas portugueses

e, inclusive, tornam Camões personagem de obras literárias.

Ao falar de obras literárias, nomeadamente de ficção, temos de mencionar uma novela histórica publicada em 1836, nas páginas do almanaque *Aurora*. O autor, József Gaál, um escritor de ficções históricas ao estilo de Chateaubriand e de Walter Scott, intitulou a sua obra *A'portugali gróf*, ou seja, *O duque de Portugal*, e em mais ou menos 70 páginas narrou acontecimentos do ano 1091, quando don Henriquez (sic!), lutando contra os árabes, consolidou o seu poder no terreno entre o Minho e o Duerro (sic!) e assediou e ocupou Coimbra.

Em 1841, um poeta e contista, István Eördögh, publicou na revista *Athenaeum* um conto intitulado «Camões», relatando um episódio da juventude do poeta e, segundo a história da literatura, também escreveu poemas sobre o vate português, mas estes ainda não foram encontrados.

Nesta altura, quer dizer, entre 1842 e 1844, o barão Zsigmond Kemény, escritor de romances históricos, já estava a escrever um romance intitulado *Élet és ábránd (Vida e sonho)* e publicou alguns dos capítulos na revista *Honderű*, em 1844.

Em 1862, no número 14 do jornal *Vasárnapi Újság*, na secção «Tárház» (ou seja «Depósito de novidades»), lê-se o seguinte: «publicar-se-á brevemente um livro de poemas, da autoria de

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Jókai Mór (1825-1904), escritor romântico húngaro, tem vários ambientes nos seus romances e, assim, os seus heróis chegam a Portugal e ao Brasil.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Mikszáth Kálmán (1847-1910), escritor realista húngaro.

Hiador, cujo tema é a prisão de Camões, obra que estudaremos em outra oportunidade».

Indagando sobre o motivo que justifica esta relativa abundância de temas portugueses, vemo-nos obrigados a evocar as ideias de Ricoeur sobre a receção ou as palavras de Gadamer quando afirma que a compreensão não deve ser interpretada como uma atitude do subjetivismo, mas antes como uma correspondência à história das tradições, que representa uma constante transferência entre o passado e o presente.<sup>4</sup>

Assim, devemos supor uma motivação forte neste interesse por Portugal e por Camões, uma motivação ligada às tradições e aos interesses de então dos Húngaros. Vejamos pois, em pormenor, as obras citadas que poderão ajudar-nos a explicar este culto.

Na novela histórica de József Gaál, os feitos de don Henriquez (que salva a filha de Cid, namora donna Theresa (sic!), sua futura esposa, e liberta Coimbra dos mouros) são acompanhados por alguns momentos dignos de interesse. Quando, por exemplo, Alonzo (sic!) cede o terreno entre o Minho e o Duerro a don Henriquez, Gaál fala sobre a

<sup>4</sup> «A própria compreensão não é um ato da subjetividade, senão antes um situar-se na história da tradição, onde há uma constante transmissão entre o passado e o presente» («Magát a megértést nem annyira a szubjektivitás cselekvéseként, hanem egy hagyománytörténetbe való bekerülésként kell elgondolni, melyben szüntelen közvetítés van múlt és jelen között», Gadamer, 1984: 207).

origem asiático-húngaro-europeia deste nos seguintes termos:

[...] O valente Henriquez é o vencedor da batalha de Consuegra, salvador das minhas filhas e minha mulher, é de um tronco de reis que desde os tempos remotos reinava na Ásia e de lá trasladou-se à Europa e criou um reino, sendo chefe de uma nação livre e gloriosa; o pai de Henriquez foi quem ocupava o trono real dos Húngaros.<sup>5</sup> (1836: 336)

Coimbra é tomada (p. 340) graças a um valente húngaro, Csaba, que com os seus soldados atravessa a nado o Mondego. Mais tarde (pp. 344-45), Csaba, já como governador de Coimbra, salva a vida de Henriques, num atentado perpetrado pelo basco Echancantareguy.

E é muito curiosa a última frase da novela: «O filho dele, Alonzo Henriquez chegou a ser rei de Portugal, assim os descendentes de Árpád ocuparam o trono deste belo país» (p. 347).

O nome de Árpád, cujos descendentes ocue param — como reza o texto de Gaál — o trono de Portugal, é uma chave para interpretar o texto. Este príncipe foi o antepassado e o progenitor dos primeiros reis húngaros. A partir da segunda metade do século xvIII, na Hungria, muitos poetas, influenciados por uma gesta húngara da Idade Média que tinha

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> A tradução de todos os trechos citados é nossa.

surgido recentemente (a *Gesta Hungarorum*, de autor anónimo<sup>6</sup>), pretendiam evocar a história antiga dos Húngaros e a figura do príncipe Árpád, que conquistara a nova pátria. Estes poetas (Gábor Dayka, Gedeon Ráday, András Dugonics, Mihály Csokonai Vitéz) compunham poemas épicos cuja figura central era o príncipe Árpád e queriam — seguindo o exemplo de Macpherson — criar uma mitologia pagã húngara, fazendo aparecer nas suas obras deuses da antiguidade húngara nunca existentes.

É neste ambiente mental e espiritual de grandes expectativas patrióticas que se torna conhecida na Hungria a epopeia de Camões. Um estudioso húngaro, Géza Fülöp, no livro A magyar olvasóközönség a felvilágosodás idején és a reformkorban (O público leitor na época das luzes e das reformas), escreve que na biblioteca do notário da chancelaria da Transilvânia, Sándor Bölöni Farkas, se encontravam obras de Calderón e de Camões. E Sándor Baumgarten, no estudo Camões et la sensibilité hongroise, menciona que as traduções francesa, de La Harpe, e latina, de Tomé de Faria, foram livros muito lidos nas bibliotecas

da nobreza húngara. Em 1816, sai também a tradução alemã da epopeia e chega mesmo a saber-se de traduções parciais húngaras d'*Os Lusíadas*. Em 1796, Károly Losonczi Farkas traduz um fragmento, publicado com o título «Vénus leírása» («Descrição de Vénus»)<sup>7</sup>, e sabe-se que um poeta da Transilvânia, Sándor Aranyosrákosi Székely, traduziu o canto I da epopeia, em 1818, mas esta tradução até hoje não foi encontrada.

Neste ambiente pré-romântico — quando surgiu com renovada intensidade a questão da independência da Hungria, que era então uma província austríaca —, os intelectuais húngaros liam com curiosidade *Os Lusíadas*, onde encontravam referências à origem húngara da família real portuguesa e, assim, esta obra servia como uma leitura para fortalecer o sentimento nacional e patriótico.

A saber, n'Os Lusíadas é mencionada três vezes a origem húngara dos reis portugueses, na estrofe 25 do canto III lê-se o seguinte:

Destes Anrique (dizem que segundo Filho de um Rei da Hungria experimentado) Portugal houve em sorte [...]

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Gesta Hungarorum (Os feitos dos Húngaros): obra histórica escrita por volta de 1200, supostamente por «Maestro P.», historiador do rei Béla III. A obra narra os feitos dos Húngaros desde a ocupação da nova pátria até ao reinado de Estévão I, incluindo a lenda de *Turul* (Falco cherrug), o falcão-sacre que engendrara o primeiro descendente dos reis húngaros no sono de Emese, a mãe-progenitora.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Esta tradução, que saiu sem o nome do tradutor e sem a indicação do título original, é antes uma versão húngara das estrofes 34 a 38 do canto ∥ d'Os Lusíadas, pois o número de versos aumenta de 40 para 46 e o tradutor suprime a estrofação original. Cf. Pál (1997).

Depois, na estrofe 28 do mesmo canto repete-se a afirmação «O forte e famoso Húngaro estremado» e na estrofe 9 do canto VIII pode ler-se:

O grão progenitor dos Reis primeiros: Nós Húngaro o fazemos, porém nado Creem ser em Lotaríngia os estrangeiros.

Esta afirmação incerta do poeta português («dizem que segundo / Filho de um Rei da Hungria...») desencadeou, no final da década de 1820 e no início de década de 1830, uma disputa científica sobre a origem húngara de «Henrique de Portugal».

No número 1 de 1828 da revista científica Tudományos Gyűjtemény (Analecto Científico), editada em Budapeste, Mihály Holéczy, clérigo evangélico, publicou um tratado com o título «Portugalliai Henrik» («Henrique de Portugal»), afirmando que a família real portuguesa é descendente de um rei da família dos Árpades. Os que tomaram parte na querela, nomeadamente, István Horváth (1828), um certo senhor Y (1928), János Lutczenbacher (1829) e outros, pronunciaram-se ora contra ora a favor, até que György Fejér, diretor da Biblioteca da Universidade, no seu estudo dirigido aos científicos, e não ao público laico, intitulado Henricus Portugaliae comes origine Burgundus non Hungarus, de 1830, remata temporariamente com a disputa.

Ao mesmo tempo que decorre esta disputa sobre a origem húngara da dinastia portuguesa, mencionada n'Os Lusíadas, o poeta português, envolto num halo romântico, torna-se uma figura emblemática entre os intelectuais húngaros. A imagem romântica do poeta — que passa pelos infernos e morre na pobreza — aparece já no século XVIII, num texto do poeta do Século das Luzes, János Batsányi: «Eis os poetas da Grécia e do País dos Ingleses que passaram por todos os infernos mostrando-no-los, e que são os filhos privilegiados dos Deuses — e agora passam a sua velhice em pobreza e entre sofrimentos (Homero, Milton, Cervantes, Camoens [sic!], Dante) [...]» (s.p.).

Outro poeta húngaro, Ferenc Kölcsey<sup>8</sup>, fez de Camões um poeta «confecionado» segundo as demandas húngaras de então, quer dizer, um vate que estaria disposto a fazer tudo e abnegadamente pela glória da sua pátria. Evoca a sua figura, como segue, no tratado intitulado «Nemzeti hagyományaink» («As nossas tradições nacionais»), comparando-o com os poetas húngaros estrangeirados: «Foi uma lástima que nós tenhamos estado sempre prontos a receber influências vindas de fora, e quando Camoens [sic!] nos confins da Europa, passando fome, cantou a glória eterna da pátria, o nosso bispo da cidade de Pécs, fez belos versos em língua alheia» (p. 221).

<sup>8</sup> Ferenc Kölcsey (1790-1838): poeta húngaro, autor do Hino Nacional.

Kölcsey cita mais vezes a figura de Camões. Na «Breve biografia de Ferencz Kazinczy», poeta dos finais do século XVIII, publicada no jornal *Vasárnapi Újság*, lê-se o seguinte: «... morreu este poeta como séculos atrás o filho de uma pátria nas costas do mar ocidental — Camoens [sic!]» (p. 519).

No romance de Jókai Mór, intitulado *Eppur si muove*, uma das figuras do romance também cita a figura de Camões, falando da carreira literária do amigo, e fá-lo aparecer como uma figura incompreendida e trágica: «*Este é o país de vermes e patetas a dormi*r. Tu vais ser um Camoens [sic!] que na hora da morte atira as suas obras ao fogo para privar delas a sua pátria que não as merece e não as compreende» (s.p.).

No ensaio de János Arany<sup>9</sup>, intitulado «Irodalmi hitvallásunk» («O nosso credo literário»), Camões aparece novamente como um poeta incompreendido, de vida trágica, segurando numa mão o manuscrito d'*Os Lusíadas* enquanto nada até à costa, após um naufrágio um mar tormentoso (p. 410).

Desta forma, a figura e os feitos de Camões são bem conhecidos entre o público e, assim, ele pode aparecer como protagonista de obras de ficção. O supramencionado conto de István Eördögh é uma obra para deleitar o público leitor da época — é um conto romântico que começa com a cena conhecida: o poeta português luta, vítima de um naufrágio, com as ondas e tenta salvar o manuscrito d'Os Lusíadas. Depois, numa repentina evocação dos tempos passados, estamos num baile da corte, onde um marinheiro mascarado observa Catharina de Athayde, esposa de Luís Vaz de Camões. Este marinheiro mascarado é o pai de Camões que durante a noite assassina Catharina, por considerá-la indigna para seu filho, provocando assim a degradação e o exílio do futuro poeta.

A obra seguinte em ordem cronológica e a de maior envergadura é o romance de Zsigmond Kemény, intitulado Vida e sonho, dado como perdido pela história da literatura durante muito tempo, já que se suponha ter sido destruído num incêndio durante o assédio de Buda, na Guerra pela Liberdade, em 1949. Contudo, salvou-se uma cópia manuscrita do romance, que recentemente conseguimos localizar seguindo as indicações encontradas na biografia de Zsigmond Kemény, do historiador de literatura Ferenc Papp (1922-1923), que, aliás, deu a conhecer esta cópia do manuscrito num livro da sua autoria, publicado em 1914. Este texto copiado foi menosprezado pelos investigadores do autor e votado ao esquecimento por ser bastante defeituoso (logo, impróprio para estudar o estilo do autor), mas para nós revelou-se bastante útil para indagar a conceção do escritor.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> János Arany (1817-1882): poeta, um dos que tentavam recriar a história húngara nos poemas épicos.

Zsigmond Kemény (1815-1875), ilustre romancista húngaro do século XIX, iniciou a sua carreira literária com romances nos quais, influenciado pela mentalidade e pelo espírito mórbidos do Romantismo alemão, narrava as vidas e os amores de artistas inadaptados, com o propósito de encontrar uma solução para os seus próprios problemas artísticos e humanos. As suas figuras geniais enfrentam o poder, ignoram e negam o curso da História e, por isso, são inevitavelmente condenadas ao fracasso.

Kemény, sabemos a partir das notas biográficas e das suas cartas, escreveu este romance entre 1841 e 1844, o qual narra a história de amor de Camões e da sua amada infiel, Catharina de Athayde. O romance tinha um prefácio, que não chegou até nós, e foi dividido em quatro partes ou «livros». Do manuscrito de 254 páginas faltam afinal apenas 32 páginas, sendo assim possível estudar o romance quase na íntegra (J. Horváth, 1914).

Camões, que foi um dos ideais da época em que Zsigmond Kemény vivia, representava para este romancista o poeta perfeito que, apesar da miséria e da ingratidão, continuava fiel à poesia e à pátria. O romancista húngaro conheceu e a familiarizou-se com a figura de Camões através das suas leituras e das diferentes referências dos seus coevos húngaros. Certamente, leu o breve artigo sobre Camões, publicado em 1836, na revista Nemzeti Társal-kodó (Conversador Nacional). Contudo, o historiador da literatura, János Horváth, outro es-

tudioso da obra de Zsigmond Kemény, afirma que o «conto original» de István Eördögh, acima mencionado, também deve ter influenciado o autor do romance, pois este conto saiu em 1841 e Kemény começou realmente a escrever o seu romance, segundo Horváth assegura, só em 1842.

Kemény devia conhecer também algumas obras estrangeiras que narravam episódios da vida de Camões. Nas suas estadias frequentes em Viena, provavelmente comprou e leu o romance de Ludwig Tieck, *Tod des Dichters* (*Morte do poeta*), de 1833, cujo personagem central é Camões, e também o drama em um ato de Friedrich Halm intitulado *Camoens*, estreado em 1837 no Burgtheater de Viena.

O professor János Hankiss, outro estudioso do romance, admite num estudo seu que Zsigmond Kemény deve ter conhecido o *Camões*, de Almeida Garrett, assim como *Os Lusíadas*, de Camões, <sup>10</sup> e que também estas obras terão exercido uma influência sobre o romance. A influência da epopeia é totalmente aceitável, pois podemos deduzir do texto do romance que Kemény conhecia o enredo e o texto da epopeia, <sup>11</sup> havendo também motivos para supor que tinha conhecimento do poema

Sabemos, a partir da gentil informação do professor Mihály Szegedi-Maszák, que Kemény possuía um exemplar d'Os Lusíadas em português, que há poucos anos foi à praça num leilão em Viena, e que nos anos em que viveu na capital austríaca Kemény estudava português.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> O resumo do tema d'*Os Lusíadas* será apresentado mais adiante.

épico de Garrett — o motivo de Camões ser acompanhado por um escravo e ter um clérigo que o ajuda depois de chegada a Lisboa parece afirmar isso, se olharmos por alto as diferenças que se registam nas duas obras.

O romance de Zsigmond Kemény representava um género novo na literatura de então, foi uma obra de certa forma *avant-la-lettre*, que pretendia esboçar um desenho real e exato dos sentimentos e da vida interior dos seus personagens. Desta forma, para não iludir os leitores, o romancista pretendia encabeçar a sua obra com um prefácio que entretanto se perdeu. Mas alguns fragmentos do texto do romance fazem referência a esse prefácio e revelam que o escritor quis oferecer um desenho da vida interior do poeta e não a narração de acontecimentos no mundo exterior. Na terceira parte do romance podemos ler o seguinte:

Já dissemos no prefácio que aquela parte do público que prefere os romances cujo texto oferece cenas imprevistas e surpreendentes, envenenamentos, punhaladas e portas secretas nas paredes, escândalos dignos da pena de um Sade, uma tensão febril e desenlaces espantosos, abandonará irritado esta nossa obra. Voltamos, por isso, a repetir o nosso pedido amável, dizendo que todas as pessoas desta casta não leiam o *Vida e sonho*, ou se por acaso já tiverem começado a folhear estas páginas, afugentem o seu tédio — este demónio inoportuno — com uma ou outra produção em moda da

escola francesa de romances. (Kemény, 1914: 280)

O romance começa, in medias res, com uma cena de sesta em Cintra [sic!]: Luís e a sua amada, Catharina, conversam e as palavras do poeta descrevem o estado mental e espiritual de Portugal na época. Depois, já no caminho de Cintra [sic!] a Lisboa, Camoes [sic!] e Don Pedro Giron [sic!], perfeito exemplo do homem de Estado ambicioso, encontram-se e este último — a fim de conquistar o amor de Catharina — instiga Camões a ir a Goa para realizar as suas visões românticas e ser digno do amor de Catharina. A par das cenas da despedida dos namorados, são mostradas as duas figuras masculinas que são totalmente diferentes uma da outra: um concebe a ideia do seu grande poema e aceita o desafio do desconhecido e das aventuras, enquanto o outro, calculista, segue um caminho seguro até realizar os seus objetivos. O futuro poeta, perto do Mosteiro de Mafra, ouve uma canção, entoada pelo seu amigo Fernando, que acaba de vestir o hábito. Esta canção desperta nele o desejo de escrever poesia e assim, num sonho, prevê a trama d'Os Lusíadas:

Ante seus olhos, passaram em longa fila o vulto bélico de Gáma [sic!] e os bravos varões. Os cheiros das espécies da Índia enchiam o ar, refletiam-se os tons azuis das ribeiras de Ganges, e aparecia também a ilha encantada, onde descansavam donzelas na sombra de árvores desconhe-

cidas, deitadas no tapete da relva em que nunca pisaram pés de mortais, elas eram de uma classe nunca vista de fadas... — Mas esta visão durou pouco tempo, foi desfeita por uma sombra horrenda, que afugentou as figuras leves agitando uma mortalha e apareceu a imagem de um castrum doloris com o cadáver da noiva de tez lívida, a lnez assassinada. (Kemény, 1914: 215)

No final da primeira parte do romance, o autor pinta os sentimentos de Camões, que vai embarcando e os seus olhos febris, no momento de despedida, veem a cara tranquila e impassível de Pedro Giron.

A segunda parte narra acontecimentos que sucedem 20 anos mais tarde. Camões regressa à sua pátria, mas sofre um naufrágio na foz do Tejo, em frente a Lisboa, e consegue salvar apenas o manuscrito dos seus poemas e a vida do seu escravo negro. Depois de uma descrição de Lisboa e das palavras de Rodrigo, sobrinho de Catharina, que narra os feitos heroicos de um soldado desconhecido (que na realidade é Camões), o poeta vai à corte, onde o rei D. Sebastião pretende galardoá-lo, a pedido e por recomendação do cónego Fernando, que admira o poeta, mas o inquisidor-geral, desalmado, protesta contra este reconhecimento do poeta. Lendo uma carta de Fernando, dirigida a Catharina, que desde há muito é já esposa de Don Pedro Giron, esta mulher, que ainda ama Camões, conhece a triste sina do poeta. Nesta carta, o cónego, inclinado pela poesia, analisa os efeitos d'*Os Lusíadas* no público e dá a conhecer os motivos da antipatia do inquisidor-geral.

Seguem-se depois algumas divagações do poeta sobre a infidelidade de Catharina e os solilóquios de Catharina que, após 20 anos de ausência do poeta, se prepara para o encontro com o seu amado: evocam-se os sentimentos dolorosos de Catharina de quando recebia cartas de amor de Camões e de uma aventura amorosa com um trovador espanhol, Tendilla. Nas últimas páginas da segunda parte, a infeliz mulher rasga as cartas de amor e cai desfalecida no sofá.

Na terceira e quarta partes do romance narra-se, numa carta de Rodrigo, a campanha africana de Dom Sebastião, a perda da batalha contra os árabes e a queda de Portugal. Estes acontecimentos bélicos e políticos servem de fundo aos sofrimentos físicos e mentais de Camões, aos padecimentos espirituais e morais de Catharina e às maquinações políticas de Pedro Giron, que prepara a sua carreira política num Portugal ocupado por Espanha. Catharina, que procura Camões por toda a Lisboa, encontra-o finalmente num manicómio, isolado, em condições precárias. Resolve visitá-lo e o poeta, moribundo, vaticina o futuro da pátria e despede-se da sua amada infiel, que traíra o seu amor e optara pela vida cómoda, mas infeliz ao lado de Pedro Giron.

No final do romance, o contraste entre Camões e Don Pedro Giron ganha dimensões universais, pelo que o romance parece representar a tragédia de toda a humanidade. Na luta entre as duas figuras masculinas para obter o amor de Catharina, é a poesia que aparentemente perece, mas o cálculo cínico tão-pouco pode triunfar. Camões morre na miséria, humilhado e desenganado, entrementes Pedro Giron tem o poder e o brilho, mas no fim de contas o poeta desprezado será o profeta da nação e Pedro Giron o traidor vil, que apesar de ter possuído fisicamente a mulher amada nunca conseguiu conquistar a sua alma, pois ela conserva até à morte a lembrança do amor de Camões.

O romance de Zsigmond Kemény revela não apenas o conhecimento das obras literárias escritas sobre a figura e a vida de Camões, mas também um conhecimento detalhado da epopeia, comprovado nos parágrafos em que cita ou resume algum trecho do poema — como, por exemplo, no capítulo IV da segunda parte, aquando das divagações do cónego Fernando se intercala um resumo em prosa da estrofe 9 do último canto da epopeia. Ao mesmo tempo, é-nos lícito concluir que o nosso escritor conhecia a realidade física e a história de Portugal, ainda que tenha subordinado os dados, os factos históricos e as datas aos seus fins artísticos.

A descrição de Lisboa que se abre diante dos olhos de Camões depois do naufrágio é convencional e mais ou menos verídica, mas na primeira parte já se fere a veracidade histórica quando Camões, depois de separar-se de Catharina, passa anacronicamente perto do Mosteiro de Mafra, construído quase dois séculos mais tarde. O romancista baralha igualmente e de forma similar outros factos e datas.

O naufrágio, onde Camões perde tudo, salvo os seus poemas, acontece na foz do Tejo e não no Extremo Oriente, na zona do rio Mekong. O regresso de Camões após 20 anos de ausência — lembremos que a despedida de Luís e de Catharina acontece em 1554 tem, assim, lugar em 1574, o que implica que a expedição militar africana e a morte de D. Sebastião tenham sucedido 4 anos mais cedo do que na realidade, da mesma forma que o poeta morre 6 anos mais cedo. Para efeitos dramáticos, não só se acumulam estes eventos mencionados, como também se altera a data da morte de Catharina. Camões, segundo reza a sua biografia, tem notícia da morte de Catharina durante as suas peregrinações no Oriente, e mesmo no poema de Garrett, Camões vê a sua amada no féretro, mas, no romance de Kemény, a Catharina que existe na altura do seu regresso é ainda uma mulher jovem e atraente, logo é ela que se debruça sobre o leito mortal de Camões, sentindo remorsos por toda a sua vida malbaratada. A data da publicação d'Os Lusíadas fica alterada também: são os amigos de Camões que o publicam após a morte do poeta.

Após estes antecedentes saiu o poema épico de Hiador. O livro, que chegou a ser publicado um ano mais tarde do que a informação do jornal *Vasárnapi* Újság acima referida, na cidade de Szabadka, foi editado por um tal Oblath Leo, que aparece na capa como «proprietário» e tem por título *Hiador költői művei* (*Obras poéticas de Hiador*). O nome do poeta, como se pode deduzir de um livro publicado em 1861 pelo mesmo editor, é um pseudónimo, pois neste livro de 1861 aparece o nome Hiador entre parênteses e junto com o nome de Pál Jámbor, autor deste livro intitulado *Párizsi emlékek* (*Lembranças de Paris*).

No livrinho, afinal, não se encontram, como se poderia esperar, poemas ou um ciclo de poemas dedicados à prisão do poeta português, mas antes um poema épico intitulado *Louis de Camoens* (sic!), que ocupa as primeiras 70 páginas do livro (pp. 5-76) e que narra, em 6 cantos e 143 estrofes de oitava rima (versos de 6 sílabas e rima ímpar), a prisão de Camões no Oriente e o seu regresso feliz à pátria.

Pál Jámbor, que foi outrora capelão, deputado e que depois da guerra da libertação na Hungria (1848-1849) passou 10 anos em exílio voluntário em França, em anos anteriores já escrevera vários poemas sobre figuras heroicas que lutavam pela liberdade, chegando mesmo a chamar uma das figuras da revolução húngara (1848), Lajos Kossuth, de «novo Washington».

A forma afrancesada do nome do poeta, *Louis* de Camoens, faz-nos supor que o poeta húngaro conhecia e estudava a vida e a obra do vate português também em França, o que poderia explicar aqueles motivos do seu poema que diferem da imagem de Camões que se formava na Hungria: o poema narra a prisão do poeta no Oriente, a sua fuga e libertação e o regresso feliz à pátria. Tudo isso diverge das biografias canonizadas e das obras que as refletem, que frisam que Camões foi obrigado a abandonar Lisboa por causa do seu amor por uma dama da corte, Catharina de Athayde, e por causa do seu carácter indomável. No exílio, segundo algumas fontes, ele tinha uma vida tranquila que o ajudou a escrever o seu poema épico, sendo o único acontecimento trágico desta época o naufrágio e a morte da sua amante. Depois de regressar a Lisboa, por causa de intrigas na corte e dos preparativos para a guerra de África, o valor da sua obra não foi devidamente reconhecido e o poeta vivia miseravelmente de uma tença mínima, que o levou à morte prematura, que coincidiu com a perda da batalha de Alcácer Quibir e da independência da pátria.

O poema épico de Pál Jámbor começa com uma curiosa invocação que encabeça o canto I, de apenas 6 estrofes:

Quero cantar, Mas não encontro Uma ideia ou nação Grande, gloriosa e séria<sup>12</sup> (estrofe 1)

Encontra só uma pessoa digna de ser adornada com louros, Camões, que após 300 anos ainda tem nas suas feições «o brilho da imortalidade».

É igualmente breve o canto II, no qual se descreve uma fortaleza lúgubre erguida entre rochedos áridos:

Uma fortaleza indiana
Negreja sobre o mar
[...]
Seus muros sombrios, escuros
São tão íngremes e altos
Que mesmo a águia, se voar por aí,
Recua assustada.<sup>13</sup> (estrofe 7)

O canto III, que vai da estrofe 16 à 62, narra que na fortaleza lúgubre do vice-rei indiano, Barreto, estão encarceradas três pessoas: um português valente, Olivarez; um espanhol alegre, Morino; e Camões, «cuja alma não se quebrou / depois de tantas desgraças»<sup>14</sup> (estrofe 30), mas «a sua cara reflete / uma mágoa dolorosa»<sup>15</sup> (estrofe 31). Os três são condenados à morte, por vontade do vice-rei e, à

espera do momento da execução, tudo fazem por fugir do cárcere.

Livram-se, afinal, da prisão no canto IV, não pelo túnel escavado no muro do cárcere, mas antes com a ajuda de uma princesa de pele escura, que, vestindo a capa do Brahmin, os salva da prisão, levada pelo amor oculto que sente por Camões.

Os três homens e a princesa fogem num barco, mas naufragam. As 31 estrofes do canto v mostram Camões a sofrer numa ilha deserta, árida; a sua única consolação consiste no facto de, subitamente, aparecer o seu companheiro espanhol e logo em seguida o capitão de um barco português, também naufragado, que o rei D. Sebastião tinha enviado ao Oriente para resgatar o poeta do cativeiro.

O clímax do poema épico é o canto vi, em que surge do mar o manuscrito d'*Os Lusíadas* e aparece no horizonte um barco, no qual D. Sebastião, fiel amigo da poesia de Camões, viajava por mares remotos em busca do poeta:

Sim, um barco! Um barco! —
Busca o degradado
Mesmo o grande rei,
Dom Sebastião....

Os braços do rei Esperam o seu cantor fiel Entre rei e poeta Tal momento belo e majestoso

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> «Szeretnék zengeni, / De nem lelek sehol, / Eszmét vagy nemzetet, / Mely nagy dicső, komoly [...]».

 $<sup>^{13}</sup>$  «Egy indusvár mered / Tengerre feketén, / [...] / Komor sötét fala / Oly meredek, magas, / Hogy félve fordul el, / Ha arra száll a sas».

<sup>14 «[...]</sup> nem hajlott lelke meg / A sok csapás után».

<sup>15 «</sup>De arczán valami / Fonnyasztó bánat ül».

Não houve outro Sob este céu.<sup>16</sup> (estrofes 124-125)

Mas este estado idílico, quando o poeta salvo lê o seu poema ao monarca, dura apenas até à chegada a Lisboa. Em vão, surgem durante a viagem Olivarez e a princesa de pele escura, que afinal não morreram no naufrágio, e não há possibilidade de um final feliz, pois as intrigas minam a saúde do poeta, que morre num hospital:

E morreu... não no mar

Nem entre rochedos,

Senão em terra firme —

Lá onde tinha mais fome.

O seu leito mortal foi

O lajedo do hospital

E no seu féretro

Não brilhava o seu nome.<sup>17</sup> (estrofe 140)

O fim do poema épico é uma evocação do ambiente e das ideias do canto I — o nome do grande poeta brilha mais «Passados trezentos anos / do que o teu / Bom D. Sebastião»<sup>18</sup> (estrofe 141) — e também do destino do poeta romântico, posto que na última estrofe o fado

de Camões é comparado ao de Gilbert, Moreau, Chatterton e Homero:

Assim foi que acabou Camões Este é o fado dos poetas: Maldito em vida Mas benditos os seus restos mortais.<sup>19</sup> (estrofe 143)

Apesar destas belas palavras, não devemos supor que Pál Jámbor tenha pretendido pintar uma imagem do poeta romântico. É mais provável que tenha querido aproveitar a temática portuguesa ou a figura de Camões apenas como pretexto, tal como fizeram os seus contemporâneos. József Gaál e István Eördögh queriam oferecer obras ao público que se interessava pelo passado heroico dos Húngaros da dinastia dos Árpades, que supostamente tinham fundado Portugal, e também aos leitores que se entusiasmavam com a figura patética do vate português. Mas Zsigmond Kemény já precisava da figura de Camões para traçar o perfil do génio e analisar os seus próprios problemas.

O poema épico de Pál Jámbor também evoca a figura do grande poeta português como símbolo da liberdade, encarcerado pelo vice--rei da Índia, e não foi em vão que o canto II foi dedicado inteiramente à fortaleza lúgubre do vice-rei — esta é a verdadeira mensagem

 $<sup>^{16}</sup>$  «Igen, hajó! hajó! — / A száműzött után, / A nagykirály maga / Jött, Dom Sebastián... // Királynak karja csak /Hű dalnokára vár, / Király s költő között / Ily szép nagy pillanat, / Nem volt úgy gondolom / Kettő az ég alatt.»

 $<sup>^{17}</sup>$  «S elhunyt... nem tengeren / Nem kősziklák felett, / De száraz földön — ott / Hol jobban éhezett. / Halotti ágya volt / Az ispotály köve / S koporsóján, ha ez, / Nem fénylett a neve.»

 $<sup>^{\</sup>rm 18}$  «Háromszáz év után, / jobban mint a tied, / Jó Dom-Sebastián.»

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> «Igy végzé Camoens. / Ez a költők sora: / Átkozva élete, / De áldva van pora».

do poema. O poeta húngaro, recém-chegado do exílio francês, ao desenvolver o motivo do poeta condenado à morte (que, na realidade, falta na sua biografia), pretendia expressar com isso o desejo de liberdade da sua nação sob o jugo austríaco.

Resumindo, podemos dizer que o culto de Camões penetrou bastante a sociedade húngara do século XIX, o nome e a figura do poeta eram de tal forma conhecidos que surgiram nessa época várias obras de ficção protagonizadas por Camões. Entre elas, a mais importante é o romance de Zsigmond Kemény, não apenas pelo número de páginas, mas também pela sua dimensão humana e conceção artística, pois Kemény serviu-se do romance — «género preferido do Romantismo, cuja teoria segundo Friedrich Schlegel é a filosofia da poesia» (Papp, 1914: 71)<sup>20</sup> — para mostrar a vida interior e os amores do génio português. Para desenvolver o seu tema, Kemény aproveitou as possibilidades que a estética romântica deste género ofereceu e utilizou uma composição complicada, emaranhada e descontínua, onde os acontecimentos são narrados por cartas de figuras secundárias, interrompidas muitas vezes por intervenções líricas, poemas, lendas e contos de fadas. Assim, este romance de Zsigmond Kemény sobre Camões não é apenas uma

## Bibliografia

## *Impressa*

Arany, J. (1983). Irodalmi hitvallásunk. Em: J. Arany. Összes művei. Szépirodalm. Budapest. 11.° vol.;

Baumgarten, S. (1950). Camões et la sensibilité hongroise. Em: *Bulletin des Études Portugaises*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Institut Français en Portugal. Coimbra;

Camões, L.V. de (1922). *Os Lusíadas*. Instituto Camões. Lisboa:

Eördögh, I. (1841). Camoens. *Athenaeum*. **1** e **2**: 8-14, 24-30;

Fejér, G. (1830). *Henricus Portugaliae comes origine Burgundus non Hungarus*. Typis Typogr. Reg. Universitatis Hungaricae. Budae;

Ferenc, P. (2008). Vígan dudál-e a portugál? *Magyar Nyelvőr*. **132** (1): 94-99;

Fülöp, G. (1978). A magyar olvasóközönség a felvilágosodás idején és a reformkorban. Akadémia. Budapest;

Gaál, J. (1836). A'portugali gróf. *Aurora*. s.n. Budapest;

Gadamer, H.-G. (1984). *Igazság és módszer*. Gondolat. Budapest;

Greguss, G. (1874). *Camoens Luziádája*. (Trad.). Athenaeum. Budapest;

Hankiss, J. (1987). Camoens élete egy magyar regényben. Kemény Zsigmond Élet és ábránd. Em: V.L. Szénássyné (org.). *Bibliográfia*. Kossuth Lajos Tudományegyetem Könyvtára. Debrecen;

obra que evoca a figura do vate português, mas é também, ao mesmo tempo, uma obra que tem um lugar de destaque na literatura húngara do século XIX, pelo facto de introduzir o romance psicológico.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> De seguinda, citamos livremente algumas ideias de Papp expostas na mesma página.

Holéczy, M. (1828). Portugalliai Henrik. *Tudo-mányos Gyűjtemény*. **1**: 66-77;

Horváth, I. (1828). Henrik Portugáliai Grófról mint Magyar Király fiáról. *Tudományos Gyű-jtemény*. **3**: 3-70;

Jámbor, P. (1863). *Hiador költői művei*. s.n. Szabadka;

Jókai, M. (s.d.). Összes *művei*. Arcanum. Budapest;

Kemény, Z. (1914). Élet és Ábránd. Em: Z. Kemény. Báró Kemény Zsigmond hátrahagyott munkái. Franklin. Budapest;

Kölcsey, F. (P.) (1859, 30 de outubro). Kazinczy Ferencz Eövid életrajza. *Vasárnapi* Újság. **44**: 518-519;

Kölcsey, F. (1951). Nemzeti hagyományaink. *Válogatott művei*. Szépirodalmi. Budapest. 1.° vol.;

Lutczenbacher, J. (1829). Henrik Portugáliai gróf eredetéről. *Tudományos Gyűjtemény*. **11**: 19-61;

Papp, F. (1914). Élet és Ábránd. (Introd.). Em: Z. Kemény. *Báró Kemény Zsigmond hátrahagyott munkái*. Franklin. Budapest;

Papp, F. (1922-1923). *Báró Kemény Zsigmond*. M.T. Akadémia. Budapest. 2 vols.;

Rákóczi, I. (1999). A suposta origem húngara da primeira dinastia portuguesa n'Os Lusíadas de Camões. Em: I. Rákóczi (org.). PortugalHungria: Dez estudos sobre os contactos culturais luso-húngaros. Tipotext. Budapest;

Rózsa, Z. (1987). *Magyar-portugál kapcsolatok*. Ed. Universidade Rolando Eötvös de Budapeste, Faculdade de Letras, Departamento de Português. Budapeste;

Szerb, A. (1978). *Magyar irodalomtörténet*. Magyető. Budapest;

Tudományos Gyűjtemény. (1840). 1 e 4;

*Vasárnapi* Újság. (1854-1860). Arcanum Adatbázis. Budapest;

Y. (pseud.) (1828). Vélemény Henrik portugalliai Gróf eredetéről. *Tudományos Gyűjtemény*. **8**: 46-57.

## Digital

Batsányi, J. (s.d.). Beszéd. *Régi magyar irodalmi szöveggyűjtemény*. Acedido em 15 de março de 2007, em: http://209.85/135.104 03.15 ou http://magyar-irodalom.elte.hu/gepesk/corpus /XVIII/patsj018.htm;

Horváth, J. (1914). Báró Kemény Zsigmond hátrahagyott munkái [Versão eletrónica]. *Irodalomtörténeti közlemények*, **24** (3): 371-376. Acedido em 12 de janeiro de 2011, em: http://epa.oszk.hu/00000/00001/00104/pdf/ITK\_00104\_1914\_03\_371-376.pdf;

Jókai, M. (1872). *Eppur si muove*. Acedido em 16 de março de 2015, no Web site da: Magyar Építész Kamara: www.mek.hu.;

*Nyugat.* (1926). **21**. Acedida em 21 de março de 2011, em: http://epa.oszk. hu/00000/00022/00406/12589.htm;

Pál, F. (1997, novembro). Camões A luziádok című eposzának magyar fordításairól. *Palimpszeszt*, **8**. Acedido a 14 de março de 2007, em: http://magyar-irodalom.elte.hu/palimpszeszt/08\_szam/08.htm;

Pál, J. e *Újvári*, E. (2001). *Szimbólumszótár*. Acedido a 20 de março de 2012, em: http://www.balassikiado.hu/BB/netre/Net\_szimbolum/szimbolumszotar.htm.